

**MINERVA: A FILARMÔNICA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM POLÍTICA
DO CORONEL NEGRO DIAS COELHO (MORRO DO CHAPÉU, BA) 1906 –
1919**

Emerson Melo¹

RESUMO

No presente artigo dialogamos com Peter Burke, o sentido de compreender o processo de construção de uma imagem política. Nesta perspectiva teórica nos propomos a questionar que tipo de composição da imagem de um grande político é inscrita nas partituras que eram compostas em sua homenagem entre 1906 a 1910 (período datado que marca o surgimento da filarmônica e a morte do Coronel) e sugerida a sociedade local. Este estudo procura analisar a construção da imagem política do Coronel Francisco Dias Coelho em Morro do Chapéu através da Filarmônica Minerva no final da primeira República. Busca-se apresentar qual o papel da filarmônica na construção da imagem de grandes figuras políticas, bem como clarificar que na prática não houve resistência a esse modelo instituído como sendo ideal. Nos treze anos investigados percebe-se a presença da filarmônica sempre nas aparições do Coronel Dias Coelho. Retomando a Burke em seu instigante ensaio, "A fabricação do Rei", podemos perceber em sua narrativa que o fausto e o esplendor que cercam os reis são uma parte de seu poder, ou seja, a forte imagem representativa de Luís XIV que chegava a tomar o lugar de Deus, que representava o estado, era fruto das projeções e vários meios que o auxiliava na construção de sua imagem política. Acrescentaria a estas projeções as filarmônicas onde executavam suas peças musicais ao ar livre sempre nas aparições do líder político local. É crucial visualizar as partituras não só como composição gráfica e universal, mas, como uma evidência, ou melhor, como uma ferramenta de propaganda política, onde mediante sua execução em um contexto histórico de dominação produz um ritmo expressivo e contundente dotado de significações. Assim, clarifica-se que, não podemos analisar o ritmo apenas como divisões e subdivisões de maneira descontextualizada. Faz-se necessário identificar o sentido da organização, de como estão articuladas as melodias, quem as compõe e para que finalidade, compreendendo suas significações e suas sensibilidades. O dobrado, ritmo característico executado por filarmônicas, desencadeia sensações através dos vários graus de intensidade, andamento, que o aproxima da marcha militar, das bandas de música de

¹Mestrando em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), campus I, Salvador. E-mail: meloemersonhistoria@gmail.com. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

onde surgiu. Vê-se assim, que a sociedade filarmônica Minerva através de sua linguagem artística, sonora e suas execuções rítmicas consolidada um discurso de enaltecimento e propagandístico, crucial à construção e consolidação de uma imagem pública.

PALAVRAS-CHAVE: Coronelismo; Filarmônica; Dominação.

INTRODUÇÃO

As filarmônicas são sociedades civis que surgiram ao longo do século XIX no Brasil, essas instituições mantinham uma banda de música e uma escola musical. A função da última não era restrita à aprendizagem de um instrumento, a prática musical também era utilizada para conscientizar os alunos sobre a relevância da preservação cultural. As sociedades filarmônicas e suas bandas foram estruturadas e consolidaram-se ao longo da segunda metade do século XIX e início do XX, ocupando espaços cada vez maiores na vida musical urbana, cívica e militar da sociedade brasileira.

Os termos banda de música e filarmônica referem-se a duas distintas e independentes corporações musicais. O primeiro diz respeito aos conjuntos musicais das corporações militares e o segundo as sociedades civis. O termo “banda” é oriundo do latim *Bandum* que significa estandarte, além de outras denotações como associação, grupo, ou corporação.

A história das bandas de música no Brasil remonta ao período do Brasil colônia, no qual eram organizadas pelos senhores de engenho e irmandades religiosas. A música das bandas da fazenda diferia da executada pelas bandas de barbeiro, pois a primeira representava um grande prestígio para os fazendeiros, de modo que estes contratavam algumas vezes professores europeus para aprimorarem a banda de música; já a segunda possuía um mestre de acordo às suas condições, e o seu estilo musical aproximava-se mais do popular. A banda de barbeiro era uma espécie de “banda primitiva” formada no século XVIII, composta essencialmente por escravos que eram instruídos por seus senhores a exercerem novos ofícios.

No entanto, as formações modernas das bandas de música foram introduzidas no Brasil somente a partir de 1808, com a vinda da Família Real e o estabelecimento da Corte no Rio de Janeiro, e, por conseguinte, com a consolidação das bandas militares, que no decorrer do século XIX e início do XX foram se incorporando ao cenário urbano das cidades brasileiras (CAZAES, 2016, p. 15,16).

Em 1822, após a Independência, foi organizada a denominada Música dos Regimentos – composta por músicos amadores – pois, devido à luta pela resistência às tropas portuguesas, foi necessário o preenchimento de quadros de músicos militares, sendo estes recrutados para os quartéis. Ao longo das suas apresentações, as bandas dos Regimentos ganharam destaque entre as autoridades, representando a música oficial até a emergência das bandas da Guarda Nacional, no início de 1831. Estas foram instituídas pelos grandes proprietários, de modo que foi a pioneira na execução de hinos, dobrados² e marchas.

A inovação das bandas de música militares no Brasil ocorreu devido à necessidade da Corte em realizar com pompa as festas reais. Ao longo do século XIX, esses grupos musicais passaram a atrair grandes massas através das apresentações em praças públicas e festejos.

Desse modo, as bandas militares exerceram grande influência na formação das bandas civis. Estas, por sua vez, apropriaram-se de alguns elementos peculiares aos grupos militares, como uniformes, instrumentos e repertórios. As bandas civis transformaram-se em instituições de grande relevância para as cidades brasileiras, possuindo sede própria com sócios, diretoria, estatutos, registros em cartório, entre outros. Esses grupos musicais passaram a ser denominados de “Lira”, “Corporação”, “Filarmônica”, etc.

Ao longo do século XIX foram fundadas inúmeras filarmônicas na Bahia, mais precisamente: em Nazaré, a “Erato Nazarena”, em 1863; em Feira de Santana, a “15 de março”, em 1868; em Cachoeira, a “Sociedade Cultural Orpheica Lyra Ceciliana”, em

²Estilo rítmico, melódico e harmônico sem letras. Nascido da marcha militar, tornou-se estilo nacional, quando os mestres lhe adicionaram contratempos e breques incompatíveis com as evoluções dos quartéis. Ritmo típico de filarmônicas.

1870; em Feira De Santana, a “Vitória”, em 1875; em Cachoeira, a “Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana”, em 1878; em Jacobina, a “2 de janeiro”, em 1878; em Maragogipe, a “Filarmônica Terpsícore Popular”, em 1880 e a “2 de julho”, em 1887, a “Minerva” em 1906 entre outras.

Na região de Morro do Chapéu não foi diferente, o coronel Francisco Dias Coelho, fundou a Sociedade Filarmônica Minerva e a sociedade Filarmônica 25 de Dezembro do distrito do Ventura e transformou a biblioteca do grêmio em Biblioteca Municipal. Através de seu grande prestígio político, conseguiu pelo decreto N° 751 de 8 de agosto de 1915 a elevação da sede do município de Morro de Chapéu em cidade e em 27 de outubro de 1915 a elevação desta cidade à condição de comarca. Satisfeito e alegre, estava sempre à frente da Filarmônica Minerva, a qual em cada amanhecer do dia 03 de dezembro, dia do seu aniversário, acordava a Vila toda de Morro do Chapéu com alvorada que terminava em festa na sua residência durando dia e noite (JÚNIOR, 2018, p.197).

Percebe-se, portanto, por meio dessa contextualização que o objeto de estudo proposto por essa pesquisa é sobre filarmônicas, mais especificamente, a Minerva. Este tema propõe conceber as filarmônicas para além do entretenimento e diversão do público ouvinte, principalmente, pelo fato de que é preciso um olhar mais voltado para os sinais, os fragmentos que às vezes ficam alheios às perspectivas e os referenciais dos pesquisadores.

Diante dessa problemática muitas indagações são levantadas e uma das primeiras é: Quais o papéis de uma filarmônica? A resposta para essa pergunta está diretamente vinculada ao modo de como é pensado a filarmônica. No nosso levantamento bibliográfico identificamos alguns trabalhos sobre, mas com uma abordagem circunscrita a estrutura dessas associações civis.

Sendo assim, esse trabalho propõe as seguintes questões norteadoras: como o aquecimento cultural nas regiões interioranas de Morro do Chapéu contribuiu para a composição da imagem do coronel Dias Coelho? Qual o papel da filarmônica Minerva nesse processo? Como as partituras e sua significação dentro de um contexto coronelista fomentou à consolidação de uma imagem pública? Qual a relação do compositor do dobrado com o líder local?

Essa investigação visa, portanto, analisar de que maneira a filarmônica Minerva exerceu uma função preponderante na construção e consolidação da imagem de Dias Coelho, isto é, de que forma sua musicalidade rítmica e sonora esteve em contributo para o enaltecimento propagandístico e dominador de Francisco Dias Coelho.

AS INTERFACES DO CORONELISMO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Na construção deste ensaio, fez-se necessário compreender o espaço físico do objeto de estudo, ou seja, foi crucial pensar o espaço, bem como as concepções teóricas que embasam o coronelismo. Qualquer que seja o objeto da nossa discussão histórica, tal, precisa-se ser refletido e localizado, tanto geográfica quanto teoricamente. Sendo assim, urge a necessidade de uma internalização dos estudos históricos regionais para norteamento e fundamentação de uma pesquisa histórica mais voltada para o local, bem como observar o coronelismo sob novas perspectivas, que vão além do domínio pela força de um “mandão”, descendente de uma origem familiarocrática, no caso deste trabalho, as fontes demonstram o contrário.

O pesquisador Luiz Gonzalez clarifica com imensa maestria como realizar uma pesquisa com esta envergadura. Essa sumidade com um olhar mais voltado para o regional e local faz desenrolar todo um contexto político, social, econômico e cultural do município de San José de Garcia no México. Segundo Gonzalez (1995, p. 16) o curso de uma comunidade, por pequeno que seja, propõe temas dignos de investigação, mesmo que não sejam tão numerosos ou tão valiosos como os da vida urbana, mas pelo mesmo motivo que não são muitos, nem complexos, nem abrangentes, como um todo.

Com a finalidade de realizar um estudo menos centralizado, nos estudos tradicionais do coronelismo e de dominação no sertão da Bahia, nos aproximaremos de uma perspectiva regional, restringindo a escala de observação ao norte da Chapada Diamantina, ainda que as análises sobre o tema não seja circunscrita a este local em específico. Segundo (SAMPAIO, 2014, p.18) a história regional é aquela cujo espaço é definido pela pesquisa e permite a partir da região compreender o nacional. É, sobretudo,

uma questão de perspectiva que se opõe a um olhar centralista e observa a sociedade em seu conjunto dentro de um determinado local, ainda que esse posicionamento vincule o regional às perspectivas da pesquisa, onde o conceito prático da região estaria sempre em construção, dadas as relações que se dão em um dado momento não são necessariamente determinadas apenas geograficamente.

Desse modo, objetivo deste primeiro tópico é analisar alguns aspectos sobre uma política local, cuja dominação estava sob a égide de uma elite patrimonialista. Serão analisadas algumas obras da produção historiográfica brasileira para verificar validade conceitual para o coronelismo sertanejo, e a partir disso, verificar junto às evidências documentais a possibilidade de propor um modelo alternativo para melhor compreender a cultura política sertaneja, a partir das filarmônicas. Creditamos a esse referencial no nosso trabalho, a crucial diferença de perspectiva, em relação ao historiador Sampaio que também estuda o mesmo Coronel.

Podemos dizer que o termo Coronelismo após uma reflexão sobre fontes bibliográficas e documentais, apesar de seus antagonismos teóricos, se caracteriza como uma forma de poder estritamente local, familiar, que se fundamenta no domínio da população pela força física ou simbólica. Sendo assim, O coronel, antes de ser um líder político, é um líder econômico, não necessariamente, como se diz sempre, o fazendeiro que manda nos seus agregados, empregados ou dependentes. O vínculo não obedece a linhas tão simples, que se traduziriam no mero prolongamento do poder privado na ordem pública. Segundo esse esquema, o homem rico, o rico por excelência, na sociedade agrária, o fazendeiro, dono da terra exerce poder político, num mecanismo onde o governo será o reflexo do patrimônio pessoal.

Para o historiador Sampaio, o primeiro cientista político brasileiro que dedica seus estudos sobre coronelismo foi sociólogo e advogado Vitor Nunes Leal, em seu trabalho mais conhecido “Coronelismo, enxada e voto”. Para Sampaio, a visão de Vitor Nunes Leal sobre o coronelismo, considera que este acontecimento estava fundamentado nas oligarquias que dominavam a estrutura agrária do país, que representavam as instituições do império apoiados na Guarda Nacional, quando, a presença do Estado não era tão forte permitindo um vazio de poder, ocupado pelos coronéis.

Para Leal, o coronelismo era:

(...) Uma forma peculiar de poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado tem conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa. (...) o coronelismo é, sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente os senhores de terras. (LEAL, 1986, p. 40).

Conforme se pode observar, o coronelismo na visão de Leal só poderia existir em uma região longe dos centros de decisões, atrasada social e culturalmente, onde o controle da população e principalmente de seus eleitores se consolidava pela ausência das classes médias que tinham a função de equilibrar as forças, e agravando pelo alto índice de analfabetismo, manipulação de pessoas e, conseqüentemente, de seus votos frente à ausência das instituições estatais que garantisse pleno acesso a todos cidadãos conforme a citação a seguir.

Se ainda não temos numerosas classes médias nas cidades do interior, muito menos no campo, onde os proprietários ou posseiros de ínfimas glebas, os “colonos” ou parceiros e mesmo os pequenos sitiantes estão pouco acima do trabalhador assalariado, pois eles próprios frequentemente trabalham como assalariados. Ali está o binômio ainda é geralmente representado pelo senhor de terras e seus dependentes. Completamente analfabeto, ou quase, sem assistência médica, não lendo jornais, nem revistas, nas quais, se limita a ver figuras, o trabalhador rural, a não ser em casos esporádicos, tem o patrão na conta como benfeitor. E é dele, na verdade, que recebe os únicos favores que sua obscura existência reconhece. (LEAL, 1986, p.44).

Como patrões, os coronéis eram, segundo Leal, mediadores entre a população pobre sem direitos, esquecida pelo governo que não lhes garantia as condições adequadas de vida, e o Estado, sempre ausente do cotidiano daqueles que viviam nas zonas mais distantes, e, quando se fazia presente, era através do Coronel. Assim, o poder local continuamente estava nas mãos dos chefes políticos com condições de oferecer favores, embora mínimo para eles, pois grande parte dos produtos vinha do Estado, mas de grande importância para os desfavorecidos economicamente, favorecendo o paternalismo em seu conceito mais tradicional, daquele que exerce o poder de patriarca, na condição de fazer

favores e prover benefícios em troca de obediência (SAMPAIO, 2014, p. 33). Sobre essa temática, Sampaio afirma:

Segundo Leal havia uma grande rede de relações entre os chefes locais que se subordinavam aos chefes regionais em mudança de votos conquistados ou fraudados, em busca de benefícios para seus próprios fins, não considerando o interesse público, configurando assim, uma manifestação de poder privado no espaço que deveria ser exclusivamente público. Para ele a base do fenômeno estava sobre os eleitores que constituía o elo mais fraco de toda a cadeia política do Brasil, presente nos fins do século XIX e três décadas inicial do século XX.

Para Sampaio, a justificativa de Leal foi que, com a Proclamação da República e a promulgação da primeira constituição republicana mudaram os critérios para alistar os eleitores. Durante o período anterior as eleições eram realizadas de maneira censitária, somente poderiam votar os maiores de vinte e um anos e possuidores de renda suficiente isso e ainda mais para ser candidato. A principal mudança com relação aos eleitores foi a instituição do voto universal masculino, assim, poderia exercer o voto, todo brasileiro homem maior de vinte e um anos desde que alfabetizado sem distinção de renda, a única exigência era escrever uma nota de próprio punho frente a uma autoridade eleitoral.

Quem mais lucrou com a nova legislação foram os latifundiários, pois com um número reduzido de público votante, devido ao analfabetismo quase que completo dos trabalhadores rurais, menor seria a necessidade de alianças e compra de votos. Cabe ressaltar que a maioria dos letrados nas regiões mais distantes eram membros da parentela destes senhores rurais. Vale ressaltar, que neste período era alto o índice de analfabetismo no Brasil que se ascendia quando se distanciava dos maiores centros urbanos.

Com isso, essa afirmação de Leal se encontra em um estado um pouco desconfortável, devido às críticas destinadas a ela. Nos grandes centros como Salvador, a presença dos coronéis também se fazia presente. Assim, se sabe que Leal não realizou pesquisa de campo, por isso, talvez, justifique o descaso com aspectos cruciais do coronelismo, como por exemplo, as concepções das regiões em que predominavam o

domínio coronelista, tais que, são clarificadas em uma abordagem documental à bibliográfica.

DOBRADO: UMA LINGUAGEM RÍTIMICA DOTADA DE SENTIDO

De que maneira conseguem as forças dominantes impõem sua autoridade? Esse foi um dos questionamentos importantes de Max Weber ao longo da sua discussão em sua obra “a política como vocação”. Nosso desafio aqui é conceber a filarmônica como uma projeção, um instrumento de poder, que através de uma linguagem sonora e precisa desencadeia significados cruciais para o enaltecimento, à construção e consolidação de uma imagem política.

Atrelando esta provocação de Weber à política e domínio das elites patrimonialistas, em especial a do Coronel Dias Coelho na região do Morro do Chapéu que é a base de nosso estudo, conseguiremos, talvez, extrair algumas significações.

Historiograficamente, a existência do coronel Dias Coelho representa mais que a vida de um negro que se tornou rico, é também um momento de apresentar possibilidades de ascensão política e econômica que somente podem ser vistas quando observadas, mas de perto, ajustando as lentes e diminuindo as escalas de observação, demonstrando que existiram outras maneiras de dominação obscurecida na história nacional do Brasil.

O exímio historiador Carlo Ginzburg em sua obra “Mitos, Emblemas e Sinais” traça aspectos de como deve ser feita uma abordagem mais eficaz no ato observação. Segundo Ginzburg (1939, p. 144,147) ao citar Morelli, que é preciso não se basear como normalmente se faz, em características mais vistosas, mas pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, ou seja, se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.

Conceber a música como documento histórico tem sido uma tarefa árdua e inquietante. Mesmo sob uma gama de registros historiográficos sobre as novas temáticas que viriam a surgir e que, dessa maneira, necessitaria de novos problemas, novas abordagens, ou melhor, uma nova instrumentaria teórica para ancorar estas novas

pesquisas, ainda há muita resistência e temor pelos pares à aceitação destes novos constructos historiográficos baseados em um novo tipo de fonte e/ou uma distinta metodologia de abordagem.

Para conseguirmos chegar ao nosso objetivo será preciso ampliar a nossa noção de documento. Segundo Lee Goff (apud SAMARAN, 1961, P. XII) há que tomar a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem ou de qualquer outra maneira.

A música, ou melhor, a arte em geral é uma atividade essencialmente humana, intencional, de criação de significações. Nesse sentido, podemos falar de linguagens artísticas. Como linguagem artística, a música caracteriza-se por sua função expressiva. A própria forma de organização de seus elementos de linguagem – que segue princípios e padrões diferenciados, conforme o tempo (histórico) e o espaço (social) – determina o conteúdo expressivo da obra.

Desse modo, compreende-se que o Dobrado é a maneira brasileira de dizer “marcha militar de passo dobrado”, ou seja, uma composição com a estrutura e instrumentação da marcha militar, que não é tão lenta quanto à marcha solene, em compasso quaternário, tampouco rápida quanto as marchas de ataque. E mais que isso, guardados esses parâmetros, no Brasil, o dobrado passou a musicalizar muito mais as praças e quermesses que os exercícios de caserna (edifício ou alojamento para moradia de soldados, dentro de um quartel, de um forte etc).

O conceito do Dobrado se caracteriza como uma música via de regra dedicada a datas, fatos e pessoas. É muito fácil em qualquer arquivo depararmos com títulos como dobrado 2 de Julho, dobrado Bombardeio da Bahia ou dobrado Horácio de Mattos. O primeiro faz referência ao ciclo do 02 de Julho, data em que se efetiva a Independência da Bahia, que consolida, ao lado das guerras de Fidié no Piauí e Maranhão, a libertação completa do território brasileiro da administração portuguesa. O segundo se refere a um fato, ocorrido no dia 10 de janeiro de 1912, quando tropas federais bombardearam Salvador a partir do Forte do Barbalho e de canhoneiras ao largo da Baía de Todos os Santos. E o terceiro caso, Horácio, o dobrado homenageia uma pessoa de expressão

popular e de vida notável, que é o coronel das Lavras Diamantinas de maior liderança política, genialidade guerreira e sensatez admirável.

Com o coronel Dias Coelho não foi diferente, a filarmônica Minerva do Morro do Chapéu, fez também sua dedicação a essa figura ilustre, homenageando-o com um dobrado, “Dias Coelho.

Peter Burke frisa ao citar um comentário de Montesquieu, que o fausto e o esplendor que cercam os reis são uma parte de se poder, ou seja, a forte imagem representativa do rei Luís XIV que chegava a tomar o lugar de Deus, que representava o estado, era fruto das projeções de vários meios que o auxiliava na construção de sua imagem política. Para ele, à função da imagem não visava, de modo geral, a fornecer uma cópia reconhecível dos traços do rei ou uma descrição sóbria de suas ações. Ao contrário, a finalidade era celebrar Luís, glorificá-lo, em outras palavras, persuadir espectadores, ouvintes e leitores de sua grandeza. Para isso, pintores e escritores se inspiravam numa longa tradição de formas triunfais.

Acrescentaria a estas projeções as filarmônicas onde executavam suas peças musicais ao ar livre sempre nas aparições do líder político local. É crucial visualizar as partituras não só como composição gráfica e universal, mas, como uma evidência, ou melhor, como uma ferramenta de propaganda política, onde mediante sua execução em um contexto histórico de dominação política produz um ritmo expressivo e contundente dotado de significações.

Segundo Sampaio (2017, p.108) a nova elite, acompanhada pela nova pobreza sertaneja das regiões interioranas de Morro do Chapéu produziu documentos, como fotografias, artigos de jornais, peças e partituras musicais, estatutos de associações, como também diários escritos por particulares que contavam com era a vida na região. Assim, o objetivo desta parte deste ensaio é estudar como as filarmônicas e sua musicalidade contribuíram para a construção e consolidação da imagem do coronel Francisco Dias Coelho.

Com isso percebe-se que a cidade supramencionada passa por um embelezamento, há um aquecimento na cultura local, com a criação de teatros, orquestras filarmônicas e bailes.

A arte é, também, "coisa corporal" e a música, mais "pura" e "espiritual" das artes - e, talvez, simplesmente a mais corporal. Associada a "estados de espírito" que são também *estados do corpo* ou, como se dizia, *humores*, a música enleva, suscita o êxtase, pois em movimento, comove, em vez de estar para além, ela se situa a quem das palavras, nos gestos e movimentos do corpo e nos ritmos. Vê-se assim, que a filarmônica Minerva foi utilizada pelo governo burguês coronelista como um instrumento de exaltação e valorização da identidade regional e mecanismo de controle político, ou seja, atrelado à filarmônica está seu ritmo característico, o dobrado, que ambos tomaremos como uma projeção enquanto símbolo de poder e status sob um controle político das elites patrimonialistas.

Segundo (Bourdieu, 2007), a música é a mais espiritualista das artes do espírito, além disso, o amor pela música é uma garantia de "espiritualidade". Para ele o gosto revela uma competência estética, sendo produto de um capital cultural desenvolvido gradualmente, desde a infância, através da frequência e familiarização com determinados bens simbólicos, o que depende, portanto, do ambiente sociocultural em que vive.

Diante do exposto, clarifica-se que, não podemos analisar o ritmo apenas como divisões e subdivisões de maneira descontextualizada. Faz-se necessário identificar o sentido da organização, de como estão articuladas as melodias, quem as compõe e para que finalidade, compreendendo suas significações e suas sensibilidades.

O dobrado com todas essas especificidades desencadeia sensações através dos vários graus de intensidade, andamento, que o aproxima da marcha militar, das bandas de músicas militares de onde surgiu.

Sendo assim, ao relacionar o perfil do Coronel Dias Coelho, chefe político imponente, respeitados por todos, grande desbravador do sertão Morrense, membro da guarda nacional entre outros atributos, perceberemos que para manter este líder político sobre este pedestal, precisou-se de uma diversidade de projeções para consolidação de sua imagem. Assim, sem dúvida, que a sociedade filarmônica Minerva com suas apresentações em ruas, festas civis, encontros políticos, desempenhou um papel de suma importância na construção da imagem do Coronel Dias Coelho, quiçá sua imortalização,

materializada por intermédio das sensibilidades do seu dobrado, tornando assim, mesmo após sua morte, uma imagem presente de um objeto ausente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se que este trabalho proporcionasse, de forma muito sintética, mas objetiva, uma familiarização sobre a problemática da construção e consolidação da imagem política do Coronel Dias Coelho em Morro do Chapéu, envolvendo a filarmônica Minerva como uma projeção de grande influência nesse processo. Empreendemos algumas análises sobre o contexto da época no período de 1906, onde é criada a sociedade musical Minerva, a 1919 ano que marca o falecimento de Dias Coelho.

Esta pesquisa caminha-se rumo a uma mais consistente robustez que decorrerá de um contato mais caloroso com as fontes documentais, inclusive as fonte orais. Segundo Halbwachs (2006, p. 31), para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível.

Notadamente as primeiras décadas do século XX foram marcadas por mudanças nos comportamentos sociais principalmente no âmbito da Cultura. Segundo Geertz (1996), a cultura envolve valores onde esses são socialmente construídos, por isso, são mutáveis. Faz-se necessário também ressaltar que na região do Morro do Chapéu, houve, segundo o pesquisador Moiseis de Oliveira Sampaio, mudanças consideráveis a na estética da cidade e em seu ambiente cultural. Dias Coelho põe a antiga Vila de Morro do Chapéu toda abaixo e ergue uma nova cidade nos moldes franceses. Dentro desse bojo de transformações, forja-se uma ideia de modernidade nessa região da chapada diamantina.

Ao realizarmos uma varredura sobre os possíveis trabalhos sobre filarmônicas, percebemos uma variedade de perspectivas. No entanto apenas enclausuradas em um debate imbricado a teoria musical, perfil dos músicos, entre outras. Para, além disso, não podemos esquecer de pontuar que, as filarmônicas, seus dobrados, constituiu-se como

uma estratégia de dominação do influente chefe político, Coronel Dias Coelho, na Região de Morro do Chapéu.

Acreditamos que este ensaio é relevante ao mostrar que a imagem que temos de filarmônica, não apenas se circunscreve como diversão, entretenimento à população, mas também como um instrumento de poder às classes dominantes, que ainda que seja considerada por muitos como dotada de imparcialidade, sem dúvida, há um valor simbólico, defensor de seus patrocinadores.

Desta maneira cabe a nós “historiadores” a função de desvendar essas nuances, trazendo a filarmônica para o centro do debate, com um olhar para além da diversão e entretenimento à população. Assim, podemos concluir que as filarmônicas são verdadeiros instrumentos de propaganda política, um suporte crucial à construção e consolidação da imagem do Coronel Francisco Dias Coelho.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Assunção. **História, região e espacialidade**. Revista de História Regional 10(1), Verão 2005.

BINDER, Fernando Pereira. *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808 e 1889*. 2006. Dissertação (mestrado em Música) – Escola de Música da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. 1930-2002. *A Distinção: crítica social do julgamento* / Pierre Bourdieu; tradução Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007, p. 21,22.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luiz XIV*; Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

CAZAES, Melira Elen Mascarenhas. *No ritmo do compasso, a melodia das filarmônicas em harmonia com o tempo: um estudo sobre a Lyra Ceciliana e a Minerva Cachoeirana (1960-1980)* / Melira Elen Mascarenhas Cazaes. – Feira de Santana, 2014.

CHAGAS, Américo. *O chefe Horácio de Matos*. Salvador: Ed. do autor, 1982.

DANTAS, Fred. *Teoria e leitura da música para as filarmônicas*. Salvador, Selo Editorial, 2003, p.103.

_____. *Composição para banda filarmônica: atitudes inovadoras*./ Frederico Meireles Dantas. Salvador, 2015.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo, São Paulo: Globo, 2004.

GRAMANI, José Eduardo. *Rítmica*. São Paulo Perspectiva, 2009.

GEERTZ, Clifford, 1926. *A interpretação das culturas* / Clifford Geertz. – 1.ed., 13.reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. *A memória coletiva* / Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, 224p.

JÚNIOR, Antônio Barretos Dantas. *92 anos de história, A Minerva em um novo tempo*. Morro do Chapéu, Ba- 1998.

LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 5. São Paulo: Alfa-omega, 1986.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p.540.

MAGNANI, Sérgio. Maestro e professor. *Expressão e comunicação na linguagem da música*. Belo Horizonte – Editora UFMG, 1989.

MED. Bohumil. *Teoria da música*. 4º Ed. Ver. E ampl. – Brasília, Df: Musimed, 1996.

PENNA, Maura. *Músicas e seu ensino* / Maura Penna. 2. ed. ver. e ampl. – Porto Alegre: Sulina, 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política Brasileira*, 1969.

REIS, Sandra Loureiro de Freitas. “*Musicologia e Filosofia: mimesis na linguagem musical*”. In: Anais do XIII Encontro Nacional da ANPPOM, vol. II. Belo Horizonte: ANPPOM, 2001.

RIBEIRO, Hugo L.. **Gramática e Teoria Musical**. 15 de janeiro de 2007.

SALLES, Vicente. *Sociedade de Euterpe: a banda de música no Grão-Pará*. Brasília: Edição do Autor, 1985.

SAMPAIO, Moiseis. *O coronel negro: Relações de cor, poder e raça no sertão da Bahia – Brasil, através da trajetória de vida de Francisco Dias Coelho*, 2014.

_____. SAMPAIO, Moiseis. Francisco Dias Coelho: o coronel negro da Chapada Diamantina/ Moiseis de Oliveira Sampaio. – Salvador: EDUNEB, 2017. 298P.

WEBER, Max. A Política como Vocação. **Ensaios de sociologia, capítulo IV**: discurso pronunciado na Universidade de Munique, 1918, publicado em 1919 por Duncker & Humblodt, Munique.